
DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES E A HISTÓRIA DA
LITERATURA DO BRASIL*

LUIZ ROBERTO CAIRO**

RESUMO

O trabalho pretende refletir sobre algumas idéias de Gonçalves de Magalhães a respeito da historiografia literária nacional, a partir da leitura de seu texto “Ensaio sobre a História da Literatura no Brasil”, espécie de manifesto romântico brasileiro, publicado em Paris, na *Niterói, Revista Brasiliense* (1836).

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo, crítica literária brasileira, Gonçalves de Magalhães.

Cada povo tem sua literatura, como cada homem tem o seu caráter, cada árvore o seu fruto. Mas esta verdade, que para os primitivos povos é incontestável, e absoluta, todavia alguma modificação experimenta entre aqueles, cuja civilização apenas é um reflexo da civilização de outro povo.

Domingos José Gonçalves de Magalhães

A partir da leitura de um capítulo do livro *La littérature comparée*, de M. F. Guyard, cujo tema é viagens como elemento de influência estrangeira nas diferentes literaturas, Brito Broca, crítico brasileiro dos anos 50, faz uma curiosa reflexão sobre os influxos estrangeiros das viagens na literatura brasileira, arriscando entre outras coisas que, no período colonial, “as viagens a Portugal eram não somente elementos de

* Comunicação apresentada no ano de 2000, em Recife-PE, durante o BRASA V Conference, 500 Anos.

** Doutor em Letras pela USP. Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Unesp e pesquisador do CNPq.
E-mail: lrcairo@femanet.com.br

influência como condição quase essencial para que um brasileiro viesse a produzir obra literária” (BROCA, 1992, p. 122), haja vista Santa Rita Durão e Basílio da Gama. Após a independência, no período nacional, as viagens, de início, preferencialmente à França e depois a outros países da Europa e de outras partes do mundo, inclusive do continente americano, passam a fazer parte do universo dos intelectuais brasileiros que vão buscar as novas teorias poéticas a serem introduzidas no Brasil.

Esta tendência, que modifica o fluxo de influência portuguesa na literatura brasileira, pode ser observada no pré-Romantismo, na trajetória da obra de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882).

Saindo do Brasil em direção à França, no dia 3 de julho de 1833, a bordo do navio Dois Eduardos, o jovem escritor, tido mais tarde como um dos iniciadores do Romantismo entre nós, com a publicação em Paris, em 1836, do livro de poemas *Suspiros poéticos e saudades*, deixou registrado, em sua correspondência dirigida a amigos brasileiros, alguns destes novos influxos. Ao tomar conhecimento das principais tendências românticas, ainda recém-chegado a Paris, escreve a Cândido Borges Monteiro, insurgindo-se contra *as campanudas odes recheadas de Apolo e de Minerva* e manifestando-se a favor de *uma nova poesia despida dos ouropéis clássicos*, apesar de ter publicado, no ano anterior, seu primeiro livro *Poesias*, marcado pela estética árcade (BROCA, 1992, p. 123).

Entre junho e setembro de 1834, no Instituto Histórico de Paris, apresentou, juntamente com Manuel de Araújo Porto Alegre e Francisco de Sales Torres Homem, uma comunicação sobre a história das artes, da ciência e da literatura do Brasil, conhecida como “Resumo da História da Literatura, das Ciências e das Artes no Brasil por três brasileiros, membros do Instituto Histórico”, onde, nos três parágrafos que lhe coube, noticia a pesquisa que vinha desenvolvendo com a intenção de escrever uma história da literatura do Brasil. Naquele instante, registra a dificuldade da tarefa a que se propõe por conta da escassez de “documentos” então existentes, conforme se pode observar no trecho reproduzido a seguir:

“Os documentos esparsos que me cabe consultar, por não existir nenhuma história literária do país, exigem muito tempo e estudo, se queremos reuni-los, compará-los e extrair deles alguma coisa nova” (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 10).

Para justificar a tarefa gigantesca, reforça a idéia do Brasil como paraíso tropical, berço da poesia, que, por falta de tradição, tem a vocação natural de seus poetas desviada para uma tendência fortemente marcada pela tradição clássica do colonizador em detrimento de sua própria identidade:

O Brasil, tão fértil em produtos naturais, não o é menos em gênios raros. Teve seus poetas, essa nação nascida ontem; aliás, o brasileiro nasce poeta e músico: à sombra de suas altas palmeiras, ao som do violão agreste, sua imaginação se expande em acordes melodiosos como a brisa de suas florestas virgens. Mas essa majestosa poesia, muitas vezes monótona, sempre desprovida de tradições, não podia satisfazer espíritos ávidos de glória; as velhas divindades da Grécia e de Roma atravessaram o Atlântico. O estudo das duas sublimes línguas por elas inspiradas, a introdução das obras-primas de Portugal e da França, o conhecimento variado da história antiga, tudo infelizmente fez com que sacrificassem as belezas de uma natureza original em benefício de ficções, sublimes sem dúvida, mas já bastante corriqueiras. (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 10-11)

Outro índice dessa preocupação de Gonçalves de Magalhães em escrever a história da literatura do Brasil encontra-se numa carta de 29 de janeiro de 1836, dirigida ao Padre Monte Alverne, seu mentor intelectual:

A História da Literatura no Brasil seriamente me ocupa, desespero com a falta de documentos. Como brevemente espero que saia o primeiro número da Revista Brasiliense, de que eu, o Torres, e o Araújo somos os autores, lá verá V. Revma. um ensaio. (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 28)

Na verdade, aqui já se percebe um certo esmorecimento na intenção de realizar o arrojado projeto de história literária, que, naquele mesmo ano, transforma-se em “Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil: estudo preliminar”, conforme foi publicado no primeiro número da *Niterói – Revista Brasiliense*.

Em 1865, quando da publicação de seu livro *Opúsculos históricos e literários*, Gonçalves de Magalhães reedita o ensaio como “Discurso sobre a História da Literatura do Brasil”, com uma “Advertência”, onde esclarece que o texto originariamente iria

servir de introdução a uma obra com esse título, da qual mais alguns artigos apareceram depois em uma folha periódica do Rio de Janeiro; trabalho que empreendemos no entusiasmo da juventude com o fim de chamar a atenção da mocidade brasileira para o estudo dos documentos esquecidos da nossa limitada glória literária, e excitá-la ao mesmo tempo a engrandecê-la e relevá-la com novos escritos originais, que mais exprimissem nossos sentimentos, religião, crenças e costumes, e melhor revelassem a nossa nacionalidade. (COUTINHO, 1980, p. 23)

Através desta Advertência, percebe-se também a consciência do autor de que sua ambiciosa proposta não se havia interrompido, por tratar-se não de um trabalho solitário, mas de um projeto coletivo:

Tivemos a fortuna de ver bem depressa realizar-se a nossa patriótica idéia, não obstante a fraqueza do órgão juvenil que a proclamava. A originalidade do engenho brasileiro apareceu logo com todo o brilho nas inspirações dos Senhores Porto Alegre, Gonçalves Dias, Dr. Macedo, Teixeira e Souza, Norberto da Silva e de tantas outras felizes inteligências, e completadas foram as nossas indagações históricas com os importantes trabalhos do já mencionado Sr. Norberto e do Dr. Fernandes Pinheiro, e não menos com os belos Elogios históricos e muitas notícias biográficas que o incansável Sr. Dr. João Manoel Pereira da Silva publicou nos seus *Varões Ilustres do Brasil* durante os tempos coloniais. (COUTINHO, 1980, p. 23-24)

Além disso, registra a publicação, em 1863, de Ferdinand Wolf, *Le Brésil Littéraire, Histoire de la Littérature Brésilienne, suivie d'un choix de morceaux des meilleurs auteurs*, que afirma a existência de uma literatura com uma identidade própria, distinta da portuguesa.

Recentemente, Regina Zilberman, preparando juntamente com Maria Eunice Moreira uma edição dos *Cadernos de Pesquisa da PUC-RS*, sobre as primeiras manifestações da crítica literária romântica no Brasil, observa que o “Ensaio” mais do que o “Discurso” revela as idéias do jovem Gonçalves de Magalhães. Isto porque:

Entre o “Ensaio” e o “Discurso” notam-se algumas diferenças lingüísticas: o autor corrigiu gralhas, alterou a formulação de certas frases, dividiu o texto em subcapítulos e esclareceu idéias, sobretudo as relativas à nacionalidade da literatura, tema que teve desdobramento posterior e que ele deve ter conhecido mais tarde. (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 29)

O “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil” é um bosquejo, ou seja, um panorama geral com a finalidade de apresentar um esboço rápido do passado literário brasileiro.

O texto é fortemente marcado pelo pensamento de Madame de Staël, o que justifica o conceito amplo de literatura, advindo dos irmãos August e Friedrich Schlegel:

A literatura de um povo é um desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral, e de mais belo na natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência. (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 29)

Vale dizer também que Gonçalves de Magalhães confere ao texto um caráter de manifesto divulgador das idéias românticas francesas em oposição à tradição clássica, que, no Brasil, era uma herança do colonizador português e por isso precisava ser afastada. A lusofobia de Gonçalves de Magalhães leva-o a acreditar que um desvio da influência

portuguesa para a francesa daria um impulso à construção da identidade nacional da literatura brasileira. Daí o tom enfático com que expressa o fim do período colonial e o início do nacional:

Hoje o Brasil é filho da civilização francesa; e como nação é filho desta revolução famosa, que balançou todos os tronos da Europa, e repartiu com os homens a púrpura e os cetros dos reis. O gigante da nossa idade até a extremidade da Península enviou o susto, e o neto dos Afonsos aterrorizado como um menino temeu que o braço do árbitro dos Reis cair fizesse sobre sua cabeça o palácio de seus avós. Ele fuge, e com ele toda a sua corte, deixam o natal país, e trazem ao solo brasileiro o aspecto novo de um rei, e os restos de uma grandeza sem brilho. Eis aqui como o Brasil deixou de ser colônia, e à categoria de Reino Irmão foi elevado. Sem a Revolução Francesa, que tanto esclareceu os povos, este passo tão cedo se não daria. Com este fato uma nova ordem de coisas abriu-se para o Brasil. Aqui deve parar a primeira época da história do Brasil. (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 35-36)

Para Gonçalves de Magalhães, a história do Brasil apresenta duas fases distintas: a primeira, que vai do século XVI ao XVIII, e a segunda, que começa em 1808, com a vinda da família real portuguesa.

Ao longo do ensaio, ele reflete sobre a origem, o caráter, as fases, os autores e as circunstâncias que, em diferentes momentos, contribuíram para o florescimento da literatura brasileira ou mesmo o impediram.

No período colonial, não existe registro de nenhum escritor brasileiro no século XVI; no XVII, aparecem alguns poetas e prosadores “debaixo dos auspícios da religião”; e apenas no XVIII é “que se abre a carreira literária no Brasil” (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 36).

Vale ressaltar que com Gonçalves de Magalhães se inicia “a linha de historiadores literários brasileiros que incorporam a produção colonial à literatura brasileira, como brasileira e não como simples capítulo da portuguesa” (COUTINHO, 1980, p. 23).

O número de autores brasileiros por ele registrado é muito reduzido, mas isto se deve à escassez de documentos encontrados nas bibliotecas

européias a que teve acesso, quando escrevia o texto. Neste sentido, convém marcar que o “Ensaio” foi o primeiro panorama histórico da literatura brasileira escrito por brasileiro. Antes houve tentativas feitas por estrangeiros, conforme ele próprio ressalta: *História da Poesia e da Eloquência desde o fim do Século XIX* (1801-1819), de Friedrich Bouterwek, *De la Littérature du Midi de l’Europe* (1813), de Sismonde de Sismondi, e *Résumé de l’Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil* (1826), de Ferdinand Denis.

No século XIX, proveniente das mudanças e reformas políticas, e fruto principalmente dos influxos franceses, o Brasil, segundo ele, apresenta uma nova face literária: “Uma só idéia absorve todos os pensamentos, uma nova idéia até ali desconhecida, é a idéia de pátria; ela domina tudo, tudo se faz por ela, ou em seu nome” (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 36).

Após traçar o panorama, Gonçalves de Magalhães anuncia uma descrição e análise de nossos primeiros escritores, mas, ao invés disso, retoma questões que considera concernentes ao país e aos seus indígenas: “Pode o Brasil inspirar a imaginação dos poetas e ter uma poesia própria? Os seus indígenas cultivaram porventura a poesia?” (COUTINHO, 1980, p. 35).

A primeira questão, na verdade, paira no ar durante todo o texto e diz respeito à visão edênica do continente americano, lugar privilegiado em que o Brasil se encontra, e onde a natureza, como fonte inspiradora de poesia, faz com que os seus habitantes quase já nasçam poetas.

Por este motivo, conclui que “o país se não opõe a uma poesia original, antes a inspira” (COUTINHO, 1980, p. 37).

Se isto ainda não havia ocorrido, era

porque os nossos poetas, dominados pelos preceitos, se limitaram a imitar os antigos, que, segundo diz Pope, é imitar mesmo a natureza; como se a natureza se ostentasse a mesma em todas as regiões, e diversos sendo os costumes, as religiões e as crenças, só a poesia não pudesse participar dessa variedade, nem devesse exprimi-la.

Faltou-lhes a força necessária para se despojarem do jugo dessas leis arbitrárias dos que se arvoram em legisladores do Parnaso. (1980, p. 37-38)

Quanto ao talento musical dos indígenas, considerado uma tendência natural para a poesia, existiam, segundo ele, documentos com trechos onde isto se comprovava, como por exemplo o antigo manuscrito *Roteiro do Brasil*, cuja autoria foi atribuída por Francisco Adolfo Varnhagen a Gabriel Soares.

Gonçalves de Magalhães aproximava a tão decantada veneração dos nativos a seus cantores à admiração que os senhores medievais dedicavam aos trovadores que peregrinavam de país em país.

A discussão em torno desta tendência natural dos indígenas brasileiros para a poesia teria continuidade mais tarde principalmente nos capítulos da História da Literatura Brasileira, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, publicados, na *Revista Popular* (1859-1862).

Mesmo defendendo a tese de que o Brasil possui uma literatura própria, que, pelo seu caráter especial, se distingue da portuguesa, é interessante notar que Gonçalves de Magalhães encerra o panorama no “Ensaio” dizendo: “Aqui terminamos a vista geral sobre a história da literatura do Brasil, desta literatura no país nascida” (ZILBERMAN & MOREIRA, 1999, p. 37).

Diferentemente, no “Discurso”, vinte e nove anos depois, o panorama tem o seguinte desfecho: “Aqui terminaremos a vista geral sobre a literatura do Brasil, dessa literatura sem um caráter nacional pronunciado, que a distinga da portuguesa” (COUTINHO, 1980, p. 35).

Desta forma, Gonçalves de Magalhães parecia estar talvez consciente de que se estava iniciando, no Brasil, a partir dos influxos franceses, apenas o processo de descolonização literária portuguesa.

ABSTRACT

This paper aims at pointing out some ideas from Gonçalves de Magalhães about National Literary Historiography found in “Ensaio sobre a História da

Literatura no Brasil”, a kind of Brazilian Romantic manifest which was published in *Niterói, Revista Brasiliense* (1836), in Paris.

KEY WORDS: Romanticism, Brazilian Literary Criticism, Gonçalves de Magalhães.

REFERÊNCIAS

BROCA, Brito. Introdução à literatura brasileira. *Ensaio de mão canhestra: Cervantes, Goethe, Dostoiévski, Alencar, Coelho Neto, Pompéia*. São Paulo: Polis; Brasília, INL/MEC, 1981. p. 243-303.

_____. A influência das viagens. *Horas de leitura: 1ª e 2ª séries*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. p. 122-126.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971. 2 v.

CASTELLO, J. A. *Textos que interessam à história do romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963, v. 1.

MAGALHÃES, D. J. G. de. Discurso sobre a história da literatura do Brasil. In: COUTINHO, A. (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, 1980, v. 1. p. 24-38.

_____. Advertência. In: COUTINHO, A. (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, 1980, v. 1. p. 23-24.

_____. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil. In: ZILBERMAN, R.; MOREIRA, M. E. (Orgs.). *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Crítica literária romântica no Brasil: primeiras manifestações, v. 5, n. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 27-39, ago. 1999.

MAGALHÃES, D. J. G. de; HOMEM, F. S. T.; PORTO ALEGRE, M. de A. Resumo da história da literatura, das ciências e das artes no Brasil. In: ZILBERMAN, R.; MOREIRA, M. E. (Orgs.). *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Crítica literária romântica no Brasil: primeiras manifestações, v. 5, n. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 9-17, ago. 1999.

MOREIRA, M. E. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

